

Um estudo introdutório sobre a *constituição social do indivíduo* segundo Norbert Elias e Lev S. Vigotski

Aluna: Fernanda Pereira de Queiroz Aly

Programa: Institucional FEUSP

Orientadora: Prof^a Dr^a Elizabeth dos Santos Braga

Resumo

A presente pesquisa científica busca, a partir de uma revisão bibliográfica sobre os autores Norbert Elias e Lev Vigotski, realizar um estudo introdutório sobre a constituição social do indivíduo sob o enfoque teórico desses dois autores. A escolha da articulação entre Norbert Elias e Lev Vigotski se deu pelo fato de que ambos os autores consideram que o indivíduo só se constitui a partir da relação que estabelece com o *outro*. Embora reconheça que se trata de uma pesquisa ampla, inicio este estudo visto a importância que ele tem para nós educadores, uma vez que podemos considerar a educação como um mediador fundamental para a constituição social dos sujeitos.

Palavras-chave: Constituição Social, Mediação, Configuração, Internalização, Elasticidade.

1. Introdução

Durante a trajetória da minha primeira graduação, Psicologia, encantava-me com pesquisas e leituras voltadas para a constituição do indivíduo. Ao longo dos cinco anos de faculdade, percorrendo diferentes abordagens e conceitos, algo me inquietava. Não era suficiente pensar nesse indivíduo desvinculado de seu meio social e cultural. Cada vez mais o conhecimento não fragmentado ocupava um significado maior nos meus estudos e reflexões. Foi nesse momento que vi na Educação a possibilidade de articular, de observar, de analisar o indivíduo e o coletivo, nunca pensando num abandono da Psicologia, pelo contrário, mas na articulação entre ela e outras Ciências Humanas, como a Pedagogia e a Sociologia.

Iniciei, assim, minha segunda graduação, Pedagogia, e comecei a trabalhar com crianças em escolas e associações, onde cada vez mais se tornava evidente como a relação entre o homem e o meio é sempre mediada por produtos culturais humanos, como signos, instrumentos e o próprio *outro*.

E foi cursando duas disciplinas optativas - Leituras de Norbert Elias, com a professora Maria das Graças Setton e A Teoria Histórico-Cultural, com a professora Elizabeth dos Santos Braga - que tive a oportunidade de conhecer os pensamentos de Elias, sociólogo alemão que se debruça a pensar sobre o indivíduo e a sociedade, e de aprofundar meus conhecimentos sobre Vigotski. Ambos os pensadores revelam preocupação e intenção de compreender e analisar a constituição do indivíduo inserido em um meio sócio-cultural. Para os dois autores o homem que se isola é um homem privado de trocas simbólicas e do sentido de sua existência humana.

Para Vigotski, o desenvolvimento e a singularidade humanos se dão a partir das constantes interações com o meio social (VIGOTSKI, 1984). Ele acredita numa construção social do sujeito, na relação sempre mediada entre o homem e o meio, que Vigotski denomina como processo de mediação. Outro conceito bastante importante na obra deste autor é o de internalização. Ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura a criança reconstrói, no plano individual, os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próprios processos mentais (REGO, 1998).

Norbert Elias também acredita que o indivíduo é um sujeito social, que não se constitui sozinho. Sua constituição é multipolar, ou seja, o indivíduo relaciona-se com muitos vetores ao mesmo tempo, cada um carregando em si uma configuração distinta e única. Para este autor, há uma simultaneidade no processo de construção do indivíduo com o processo de construção da sociedade. A identidade do *eu* depende da identidade do *nós*, é parte integrante dela (BRAGA e ABREU, 2006).

Em *A Solidão dos Moribundos*, Elias (2001) afirma que, em sociedades mais desenvolvidas, há maior presença de sujeitos isolados, sujeitos que procuram separar mundo interno (*eu*) do mundo externo (qualquer coisa e/ou pessoa que não seja *eu*), o que gera uma distorção na noção de individualização e independência, afinal o sentido da existência humana está estritamente vinculado à presença de *outros* em nossa vida.

A pesquisa apresenta os seguintes objetivos específicos:

- Aprofundar a leitura dos autores Norbert Elias e Lev Vigotski;
- Iniciar uma revisão de literatura, tentando investigar a existência de artigos científicos e textos que tratem das relações entre os dois autores;

- Realizar uma primeira aproximação sobre a questão da constituição social do indivíduo, a partir de alguns de seus escritos e de comentadores.

Vale ressaltar que esta Iniciação Científica foi realizada sob a forma de um trabalho teórico que, segundo Severino (2004), é extremamente valioso, pois oferece munição para o pesquisador desenvolver seu objeto de estudo, para confrontar as hipóteses levantadas e para fundamentar as repostas encontradas. Para o autor, o trabalho teórico “[...] constitui o universo de princípios, categorias e conceitos, formando sistematicamente um conjunto logicamente coerente, dentro do qual o trabalho do pesquisador se fundamenta e se desenvolve” (SEVERINO, 2004, p. 162).

Na parte de fundamentação teórica, serão apresentadas algumas ideias de Norbert Elias e de Vigotski e possíveis aproximações e distanciamentos entre os mesmos.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Sobre Norbert Elias

2.1.1 A sociedade e o indivíduo: uma relação de interdependência recíproca

No livro *A sociedade dos Indivíduos* (1994), Norbert Elias nos convida a uma importante reflexão sobre o que é uma sociedade e como os indivíduos a enxergam e se relacionam com ela. As pessoas, em geral, não se propõem a pensar a sociedade como

algo mais complexo. E mais, as pessoas buscam respostas lógicas para pensar a formação da sociedade, como se elas não pertencessem a ela, como se fosse uma instituição que está do lado de fora.

Há duas leituras em relação a estas formações. De um lado um campo que nega a ligação entre os atos e objetivos individuais às formações sociais; e de outro, um campo que acredita nas forças individuais, *anonimamente mecânicas* ou *supra individuais*, nas formações histórico-sociais.

Segundo Elias (1994), ao falar de sociedade, indubitavelmente faz-se necessário falar de indivíduos. Há aqueles que acreditam que o indivíduo pode ser analisado isoladamente, independente das relações que estabelece e aqueles que já não encontram essa possibilidade de análise se os indivíduos encontram-se isolados (psicologia de massa ou social), como se houvesse uma alma coletiva que se sobrepõe às almas individuais. O que nos faz pensar que a sociedade poderia ser considerada a soma de vários indivíduos se pudéssemos separar e analisar distintamente sociedade e indivíduo.

Falta-nos uma compreensão mais ampla acerca das relações e funções que permeiam indivíduo e sociedade, não como duas instâncias distintas e distantes e sim como duas instâncias que se retroalimentam o tempo inteiro.

Não há dúvida de que cada ser humano é criado por outros que existiam antes dele; sem dúvida, ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social – seja este qual for. Mas isso não significa nem que o indivíduo seja menos importante do que a sociedade, nem que ele seja um “meio” e a sociedade, o “fim”. A relação entre parte e todo é uma certa forma de

relacionamento, nada mais, e como tal, sem dúvida, já é bastante problemática. Em certas condições, pode ser vinculada à relação entre os meios e o fim, mas não lhe é idêntica; inúmeras vezes, uma forma de relação não tem a mínima ligação com a outra. (ELIAS, 2001, p. 19)

Diversas analogias nos provocam a elucidar tal questionamento. Aristóteles (*apud* Elias, 2001) traz a analogia da casa. O que é a casa, uma porção de tijolos isolados? Dá para observar e entender a casa somente olhando para o todo ou suas partes?

Já a Gestalt considera que o todo é diferente da soma das partes e que não podemos compreendê-lo se analisarmos somente suas partes.

Será possível os indivíduos viverem individualmente satisfeitos e em harmonia imersos num meio social? Existe uma estrutura social harmônica com diversos indivíduos tensionados e insatisfeitos?

Para Elias (1994), a vida social é cheia de contradições, tensões e explosões; e o que une o indivíduo não é cimento. Cada indivíduo no meio desse turbilhão ocupa um lugar singular com funções e relações próprias da sua existência; vive num tecido de relações móveis, numa rede de dependências.

É preciso olhar para esta *teia humana* em que estamos inseridos, é preciso ampliar o olhar para estas ordens ocultas e tornar palpáveis suas funções e modos de comportamento. E, perceber onde suas funções individuais implicam no *outro*, e como esse *outro* implica no *outro* e assim por diante (*longas cadeias de atos*). Essas cadeias não são visíveis, são mais elásticas e é justamente essa rede de funções que Elias (1994) chama de

sociedade. Está aí um dos conceitos extremamente importantes para Elias, o de “elasticidade”.

Em suma, é preciso se dispor a pensar nas relações e nas funções por mais imperceptíveis que elas possam parecer. Para isto, tem que haver uma revisão total de sua autoconsciência; afinal, ligar-se ao outro é uma propensão natural do indivíduo.

O indivíduo não se constitui isoladamente e nem tampouco apenas guiado pelas características hereditárias, ele é constituído por múltiplos vetores. O indivíduo é produto de uma configuração de forças.

A grande questão é que tanto a estrutura social quanto o indivíduo só estarão em harmonia se ambos promoverem, permitirem tal condição. Por isso a importância da análise, da observação destas duas estruturas, destas configurações entre sociedade e indivíduo. Para isto, é preciso nos despirmos da máscara individual e egóica para, quem sabe, arriscar a olhar para a dialética processual, sem que isso possa parecer fragilidade individual, pelo contrário. É iniciar um processo de responsabilização daquilo que se vive, escolhe e sobre o qual se atua na sociedade em que se vive, como uma lupa que vai ampliar todas as configurações dialéticas entre si e o grupo a que pertence. Esse despir-se nos permitirá enxergar a floresta mesmo com a presença das árvores, como diz Elias. Portanto, é preciso se dispor a observar primeiro a estrutura do todo, em termos de funções e relações, para depois se compreender a estrutura individual.

Segundo Elias (2001), a tal individualidade que o ser humano acaba por desenvolver não depende apenas de sua constituição natural, mas de todo o processo de individualização. Individualidade é a estrutura da auto-regulação psíquica do ser.

Não há distinção, para Norbert Elias, entre individualização e socialização. Ambos fazem-se pelo mesmo processo. Indivíduo e sociedade são constituídos reciprocamente, mediados pelo simbólico. Segundo o autor (2001, p. 27) “Cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar na sua morte.”

Somente na companhia de outras pessoas é que se aprende a fala articulada, o controle dos instintos (auto-regulação), – tudo depende do grupo a que a pessoa pertence, da sua posição frente a esse grupo e do processo formador que ela acarreta. Somos tocados e tocamos o outro, como uma imagem reticular, em que um constitui o outro à medida que se constitui. Num entrelaçamento contínuo de necessidades, desejos e alternâncias de dar e receber.

E é justamente isso que nos distingue dos animais. Somos seres sociais que dependem da presença do outro na nossa vida. Nesse momento, faz-se necessário refletir sobre a diferença entre ação social e ação natural (ELIAS, 1997, p. 13). Aquilo que para o animal é herdado da natureza, no ser humano acontece, não por herança, mas pela companhia de outras pessoas e através dela. Claro que não podemos deixar de considerar a história ancestral na vida de cada um. E é justamente por sermos seres sociais que precisamos observar primeiro as relações de interdependência entre os indivíduos para depois, compreender a pessoa no seu aspecto mais singular.

Os indivíduos só podem ser compreendidos enquanto ligados entre si, só é possível o *eu*, quando se pressupõe o *nós*, em relações de interdependências recíprocas, que implicam ao mesmo tempo solidariedade e coerção, tanto no sentido dos dominantes em relação aos dominados e vice-versa (...)

a identidade individual, então, passa a ser dada pela contradição entre a representação que as pessoas se esforçam em construir de si mesmas *versus* o crédito concedido pelos outros em relação à sua pessoa (REIS, 2002).

De acordo com Elias, “[...] vemos o quanto a existência da pessoa como ser individual é indissociável de sua existência como ser social” (2001, p. 151).

2.1.2 O processo civilizador e a autorregulação psíquica do ser

Elias se debruça a pensar sobre os diversos tipos de comportamento do homem civilizado ocidental. Ele procura refletir sobre as causas ou forças motivadoras desse processo civilizador.

Para o autor, não dá para compreender a psicogênese da constituição do adulto, sem que estudemos, paralela e articuladamente, a sociogênese de nossa civilização (ELIAS, 1994).

Segundo Elias (1994, p.15) “[...] mesmo na sociedade civilizada, nenhum ser humano chega civilizado ao mundo e o processo civilizador individual que ele obrigatoriamente sofre é uma função do processo civilizador social (...) todo ser humano está exposto desde o primeiro momento da vida à influência e à intervenção modeladora de adultos civilizados”.

A criança, desde pequena, é “convidada” a se moldar e a certo padrão social, apresentado pelo adulto individual e potencializado na pressão da sociedade; fazendo com que ela reprima certos sentimentos de vergonha e prazer. Evitando assim, algum desconforto e desembaraço, garantindo certa polidez, que mais tarde vai se transformando em um automatismo interior,

resultado de um superego¹ enrijecido, de um autocontrole que opera contra seus desejos inconscientes. Segundo Elias (1994, p.143), “[...] o sentimento de vergonha é evidentemente uma função social modelada segundo a estrutura social”. E a criança que não se deixar moldar pela censura e pela pressão social e que não corresponda ao que lhe é esperado, é considerada uma criança “doente”, “anormal”.

Segundo Ribeiro (2010), “[...] as emoções individuais que afloram nas situações sociais são um produto de modelagem social das pulsões inatas”.

As mudanças na estrutura da sociedade afetam diretamente as mudanças na estrutura do comportamento e da constituição psíquica, por isso a importância das pesquisas sociogenéticas e psicogenéticas que buscam revelar a ordem subjacente às mudanças históricas. Elias (1994) afirma que todas as nossas ações são civilizadas ou incivilizadas, portanto, é preciso compreender e refletir acerca do conceito de civilização. Para ele, esse conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si, de superioridade, de desenvolvimento tecnológico e científico. Porém, mesmo entre sociedades ocidentais há diferenças. Por exemplo, para os franceses e ingleses, a civilização está completamente relacionada a fatos políticos, técnicos, morais, sociais, religiosos e econômicos; e encontra-se em movimento constante, descrevendo bem os processos, minimizando as diferenças nacionais e

¹ Em diversos momentos em sua obra, Norbert Elias se utiliza de alguns conceitos oriundos da psicanálise para explicar ou aprofundar suas ideias sobre indivíduo, revelando, assim, certa familiaridade com a obra de Freud. Segundo Zimmermann, “É nas discussões das pulsões que Elias tenta trilhar caminhos abertos por Freud” (2008, p. 08). E é no livro *A busca da Excitação*, que Elias se debruça mais na obra freudiana.

ênfatizando o que é comum a todos. Já para os alemães, o conceito de *kultur* está relacionado a aspectos mais artísticos, intelectuais e religiosos; não invalida o movimento, porém, apresenta-se de outra maneira, através de produtos humanos, como obras de arte, livros, entre outros; frisando as diferenças nacionais e a identidade particular dos grupos.²

Para fomentar ainda mais a discussão sobre o comportamento humano em sociedade, Elias (1994) discorre sobre um curto tratado escrito em 1530, por Erasmo de Rotterdam. O tratado fala de posturas, gestos, expressões faciais, simples atitudes que perdemos ou ganhamos; como comer com garfo, por exemplo; que ilustram bem a manifestação do homem interior e inteiro. Ou seja, a manifestação, o comportamento externo revela a relação processual entre os hábitos que o homem vai adquirindo ou renunciando e sua constituição enquanto indivíduo que vive dentro de um grupo social. Erasmo fala com naturalidade das questões mais sutis e elementares das relações humanas; ele delimita toda a faixa da conduta humana. Para ele, algumas atitudes que perdemos são consideradas, depois de um tempo, “incivilizadas” ou “bárbaras” e difíceis de reconhecê-las como algo próprio do nosso ser, e sim, como materializações de uma estrutura mental e emocional diferente. Para algumas pessoas, em determinados momentos, tais mudanças podem causar certo embaraço e “mal estar” já que trata o “incivil” como algo “mal” e o “civilizado” como algo “bom”, como se o comportamento civilizado fosse superior, mais evoluído que o

² Enquanto civilização na acepção francesa e inglesa transmite a ideia de processo, algo que se move incessantemente “para frente”, *kultur* faz alusão a produtos humanos; é um conceito que delimita. Elias (1994) defende que civilização é um conceito que expressa a consciência que o Ocidente tem de si, já *Kultur* reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve que buscar e constituir novamente suas fronteiras.

incivil. Para compreender esse movimento de transformação, segundo o autor, é preciso observar sem juízo de valor, considerando a relatividade de determinado tempo e época; entendendo que certos comportamentos são códigos de pertencimento, são instrumentos diretos de “condicionamento” ou “modelação” que vão constituindo o indivíduo e a sociedade, sendo um processo ou uma parte do processo que nós mesmos estamos envolvidos o tempo todo.

A modelagem por esses meios objetiva tornar automático o comportamento socialmente desejável, uma questão de autocontrole, fazendo com que o mesmo pareça à mente do indivíduo resultar de seu livre arbítrio e ser de interesse de sua própria saúde ou dignidade humana. Só com o aparecimento dessa maneira de consolidar hábitos ou, em outras palavras, de condicionamento, que ganha predominância com a ascensão da classe média, é que o conflito entre impulsos e tendências socialmente inadmissíveis, por um lado, e o padrão de exigências sociais feitas ao indivíduo, por outro, assume a forma rigorosamente definida e fundamental às teorias psicológicas dos tempos modernos – acima de tudo, à psicanálise (ELIAS, 1994, p.153).

Esta condição de se adaptar, de se modelar, Elias chama de “maleabilidade da vida psíquica”, que sucumbe às transformações das relações e dependência humanas, de acordo com processos históricos, de forma não linear. Assim, os processos naturais e históricos se influenciam mútua e inseparavelmente. “Essas formas de emoções são manifestações da natureza humana em condições sociais específicas e reagem, por sua vez, sobre o processo sócio-histórico como um de seus elementos” (1994, p.162).

Diversos foram os exemplos utilizados por Elias em, *O Processo Civilizador: Uma história dos costumes* (1994), para ilustrar como as regras bem precisas, o controle do comportamento, das emoções, vão se desenvolvendo aos poucos em conjunto com a estrutura e mudanças nas relações humanas, nos sentimentos e atitudes humanas. Desde o uso do garfo, do lenço para assuar o nariz, da relação com o quarto, do hábito de escarrar e até mesmo da mudança de atitude em relação a funções corporais foram se transformando com o passar dos anos (hábitos internalizados), segundo as forças motivadoras que se originam na estrutura social, na maneira como as pessoas estão ligadas entre si. Embora tais hábitos pareçam ter sido gerados voluntariamente pelo próprio indivíduo, eles seguem as forças sociais modeladoras e tornam-se elemento constituinte do indivíduo, independente da forma como esse código social foi gravado nele.

Às vezes, uma pequena frase mostra como esses costumes estavam enraizados e deixa claro que devem ser compreendidos não apenas como algo 'negativo', como 'falta de civilização', ou de 'conhecimento' (como é tão fácil supor de nosso ponto de vista), mas como algo que atendia às necessidades dessas pessoas e que lhes pareciam importante e necessário para elas exatamente dessa forma (ELIAS, 1994, p. 81).

Também

Embora os fenômenos humanos – sejam atitudes, desejos ou produtos da ação do homem – possam ser examinados entre si, independente de suas ligações com a vida social, eles, por natureza, nada mais são que concretizações de relações e comportamento, materializações da vida social e mental. Isto se aplica à fala, que nada mais é que relações humanas

transformadas em som, assim como a arte, ciência, economia e política. (ELIAS, 1994, pp.124 – 125).

Não podemos negar que há uma constante correspondência entre as estruturas sociais (indivíduos interdependentes) e as estruturas psicológicas individuais (estruturas de personalidade), e que elas não são estruturas fixas e imutáveis, e sim, mutáveis como aspectos interdependentes do mesmo desenvolvimento de longo prazo.

Conceitos como “indivíduo” e “sociedade” não dizem respeito a dois objetos que existiram separadamente, mas a aspectos diferentes, embora inseparáveis, dos mesmos seres humanos, e que ambos os aspectos (e os seres humanos em geral) habitualmente participam de uma transformação estrutural. Ambos se revestem do caráter de processos e não há a menor necessidade, na elaboração de teorias sobre seres humanos, de abstrair-se este processo-caráter (...) a relação entre indivíduo e as estruturas sociais só pode ser esclarecida se ambos forem investigados como entidades em mutação e evolução (ELIAS, 1994, p.220).

Segundo Pontes (2001), as fontes documentais que Elias utiliza são extremamente valiosas para se compreender a existência de uma considerável conexão entre as mudanças nas emoções e comportamento humano e as alterações nas estruturas sociais. Como exemplo, a autora cita os manuais de boas maneiras analisados por Elias, que foram criados, a princípio, pelos membros das elites ocidentais e que, aos poucos, foram sendo apropriados por outros segmentos da sociedade como modelos de “bom” comportamento a serem seguidos. Segundo a autora, a partir dessa análise esmiuçada, Elias consegue resgatar as dimensões mais

estruturais do processo civilizador no Ocidente, a partir do século XVI.

Exemplo

2.2. Sobre Lev Vigotski

2.2.1. O desenvolvimento e a constituição social do sujeito

Segundo Braga (2010), Vigotski inaugura uma concepção de desenvolvimento humano que se produz na história e na cultura, em processos de significação.

Para ele, o desenvolvimento não é um processo natural e, sim, um processo cultural. Ele acredita em uma construção social do sujeito, cujo homem sem o meio social é apenas a possibilidade do desenvolvimento de seus reflexos.

Vigotski (1996) vai aprofundar sua observação acerca da mudança das funções psicológicas elementares (origem biológica) para as funções psicológicas superiores (ações construídas nas relações que os seres humanos mantêm entre si e com a natureza, referentes àquilo que é do humano, como: a fala, o pensamento, a imaginação, a memória voluntária etc.). Essa passagem acontece através da relação entre homem e o mundo, porém não se trata de uma relação direta, é uma relação mediada e internalizada. Só desenvolvemos as funções psicológicas superiores se estamos em sociedade, com a capacidade do ser humano de regular o próprio comportamento.

Para Vigotski e Luria (1996), há três estágios do desenvolvimento do comportamento na evolução das espécies. O primeiro estágio é movido pela satisfação das necessidades básicas, está presente em todos os animais, sendo representado

pelas reações hereditárias, pelos instintos. O segundo estágio provém da experiência individual do animal e é chamado de estágio de treinamento ou dos reflexos condicionados. Já o terceiro estágio, das reações intelectuais, desenvolve-se a partir de uma combinação complexa de reflexos condicionados, aparecendo, assim, uma nova forma de comportamento, que se utiliza de instrumentos, por exemplo, para romper desafios e dificuldades.

O comportamento do homem moderno, cultural, não é só produto da evolução biológica, ou resultado do desenvolvimento infantil, mas também produto do desenvolvimento histórico. No processo do desenvolvimento histórico da humanidade, ocorreram mudança e desenvolvimento não só nas relações externas entre as pessoas e no relacionamento do homem com a natureza; o próprio homem, sua natureza mesma, mudou e desenvolveu-se. (VIGOTSKI e LURIA, 1996, p.95).

O Homem moderno também

(...) conquistou a natureza, e aquilo que o homem primitivo fazia com as pernas ou as mãos, os olhos ou os ouvidos, o homem moderno faz com seus instrumentos. O homem cultural não tem que forçar a vista para enxergar um objeto distante – pode fazê-lo com a ajuda de óculos, binóculos ou telescópio (...) desempenha essas funções com a ajuda de instrumentos e dos meios de comunicação e de transporte que satisfazem sua vontade. (VIGOTSKI e LURIA, 1996, p.179).

Para Vigotski e Luria (1996, p.220), “[...] o homem é uma criatura social, e as condições socioculturais o modificam profundamente, desenvolvendo toda uma série de novas formas e técnicas em seu comportamento”.

Nas crianças, a brincadeira ocupa um lugar importante deste processo de constituição do sujeito social. Vigotski (1984) fala do “eu fictício” que acontece nas brincadeiras, principalmente de faz de conta, permitindo que a criança possa experimentar diferentes papéis sociais e, a partir dessa experiência, se constituir na sua individualidade.

Ao se envolver com tantos personagens, a criança pode criar sequências que contêm cenários representados (atuando com apoio nos objetos disponíveis e nas relações com parceiros presentes) e também cenários conjecturais (reportando-se a situações e personagens não encarnados em suportes tangíveis, mas presumidos principalmente pelos enunciados dos participantes). Ao experimentar ser o eu e ser o outro, a criança reproduz modelos sociais e rituais de vários espaços da cultura, experiências que propiciam a ela singularizar-se e construir seu eu. Trata-se de um eu com múltiplas faces, impregnado que está da dinamicidade vinculada aos vários personagens e seus papéis (GOES, 2000, p.123).

Para Oliveira (1998), é através da brincadeira que a criança vai descobrindo o que pode e não pode. É na sua relação com o brinquedo que ela vai percebendo seus atributos, sua utilidade, classifica-o, podendo mais tarde modificar suas estruturas. De um ponto de vista psicanalítico, “[...] estes objetos chamados de transicionais, representam um novo estado de evolução no processo de construção do sujeito cognoscente, é a primeira relação estabelecida fora do campo simbiótico da criança com sua mãe” (WINNICOTT 1971, p. 9).

Sobre esse assunto, Oliveira (2002) afirma que a brincadeira contribui significativamente no desenvolvimento humano, uma vez que, ela favorece as trocas de experiências vividas por cada

criança, colaborando para que ela se insira na sociedade já que se torna, aos poucos, capaz de compreender os signos sociais que estão ao seu redor.

Na medida em que a cultura é o conjunto das obras humanas e o específico dessas obras é a significação, o desenvolvimento cultural da criança é o processo pelo qual ela deverá apropriar-se das significações atribuídas pelos homens às coisas. Mas tal desenvolvimento estará comprometido se ela não tiver acesso aos bens materiais produzidos pelos homens que são portadores dessas significações (moradia, higiene, alimentação, direitos básicos). Isso traz a exigência do acesso aos bens culturais como parte necessária do desenvolvimento humano, deixando claro que o mecanismo da mediação semiótica opera como um conversor que, por meio do signo, permite transformar o que lhe é alheio à criança – modos de falar, agir, de pensar, de ver, etc.- em algo que lhe seja próprio (FERNANDES, 2008, p.3).

2.2.2. Mediação simbólica e Internalização

Um dos conceitos mais importante na obra de Vigotski é o de mediação. Segundo Oliveira (2009, p.28), “Mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”.

Para Vigotski (OLIVEIRA, 2009), há dois tipos de mediadores: os instrumentos e os signos. O instrumento é um objeto social, que está entre o trabalhador e o seu trabalho e que fora inventado pelo

homem para alcançar certo objetivo. Embora alguns animais também produzam instrumentos, eles são incapazes de armazená-los, de transmitir sua utilidade a outros elementos de seu grupo social, de compreender sua existência como uma conquista, fruto de uma relação com o meio, num processo histórico-cultural. Já os signos, embora também possam ser chamados de “instrumentos psicológicos”³, dirigem-se mais ao auxílio de processos internos do ser humano, não em ações práticas, como é o caso do instrumento.

Nosso propósito é entender o papel comportamental do signo em tudo aquilo que ele tem de característico. Esse objetivo motivou nossos estudos empíricos para saber como os usos de instrumentos e signos estão mutuamente ligados, ainda que separados, no desenvolvimento cultural da criança. Admitimos três condições como ponto de partida para esse trabalho. A primeira está relacionada à analogia e pontos comuns aos dois tipos de atividade; a segunda esclarece suas diferenças básicas, e a terceira tenta demonstrar o elo psicológico real existente entre uma e outra, ou pelo menos dar um indício de sua existência (VIGOTSKI, 1984, p.39).

Assim, o uso de instrumentos e a fala, são meios de contato social com outras pessoas, são recursos que a criança utiliza-se para adentrar na vida sociocultural. Podemos observar em crianças pequenas que, em um momento em que ela precisa atingir algum objetivo, a fala é tão importante quanto à ação para a resolução do conflito (VIGOTSKI, 1984).

A linguagem verbal é privilegiada por Vigotski dentre uma série de outras manifestações semióticas humanas. Ela pode ser compreendida como sendo uma das ferramentas psicológicas mais influentes na vida

³ Termo utilizado por Vigotski (1984).

humana graças ao seu duplo caráter: de estar voltada para a orientação do outro (comunicação) e para o próprio indivíduo que a utiliza (regulação do comportamento). (SILVA, 2007, p.8).

Vale ressaltar que Vigotski pautava-se no materialismo histórico- dialético de Marx para pensar nessa relação homem e trabalho. De acordo com a teoria marxista (REGO, 1998, p. 51), “[...] o desenvolvimento de habilidades e funções específicas do homem, assim como a origem da sociedade humana são resultados do surgimento do trabalho. É através do trabalho que o homem, ao mesmo tempo em que transforma a natureza (objetivando satisfazer suas necessidades), se transforma”. Para ser humano e exercer suas atividades, o homem precisa fabricar instrumentos de trabalho e se relacionar com o outro, o que evidencia que o trabalho medeia as relações dos homens entre si e com a natureza.

A “internalização” (outro conceito extremamente valioso na obra do autor), assim como a mediação, é um divisor de águas, podemos assim chamar, entre a psicologia animal e a psicologia humana. Ela é o resultado de uma série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento, é uma operação que a princípio acontece externamente e depois ocorre internamente; passa de um processo interpessoal para um intrapessoal, ou seja, primeiro num nível social e depois individual.

O plano interno, para ele, não é um plano de consciência preexistente que é atualizado, nem uma cópia do plano externo, haja vista o caráter de ‘reconstrução’ enfatizado pelo autor mais de uma vez: ‘Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente’. O plano externo, sabemos, para Vigotski, é feito de interações entre sujeitos e com o mundo,

mediadas pelos instrumentos, signos e por outros sujeitos. Essas interações são a base para o estabelecimento do plano interno. Ou seja, na perspectiva de Vigotski, externo e interno se vinculam geneticamente (...). A internalização é assim, um conceito que se refere ao processo de desenvolvimento e aprendizagem humana como incorporação da cultura, numa visão própria da perspectiva histórico-cultural e contrária a perspectivas naturalistas, inatas ou cognitivistas. (BRAGA, 2010, pp.26-27).

Vale ressaltar que o ser humano não internaliza o objeto ou a ação em si, e sim, a significação dessa ação ou objeto.

3. Entre os dois autores

A partir do levantamento bibliográfico, foram encontrados alguns artigos que relacionam as obras de Elias e Vigotski; que serão citados ao longo da escrita sobre as aproximações e distanciamentos entre os dois autores.

3.1. Aproximações

Ambos judeus nasceram em países diferentes, porém em datas bem próximas. Vigotski nasceu na Rússia em 1896; Elias, na Alemanha em 1897. Já Vigotski morreu em 1934 aos 38 anos e Elias viveu mais tempo, vindo a falecer em 1990 aos 93 anos.

Elias iniciou os estudos de Medicina e Filosofia, mas só concluiu o de Filosofia, mas não deixa de frisar a importância que tem para um sociólogo o conhecimento biológico do homem.

Tornou-se doutor em Filosofia e Psicologia, e só em 1925- 1926 passa a estudar também sociologia.

Elias (2001) discorre sobre o extraordinário tempo em que trabalhou numa fábrica de fornos de fundição. Disse que ter passado por todos os seus setores fez com ele pudesse ter um olhar mais amplo do funcionamento de uma fábrica e sobre economia, além do vasto contato com as classes trabalhadoras; considerada por ele uma riquíssima experiência para um sociólogo. Podemos assim, observar o início de um pensamento que valoriza a multidisciplinaridade.

Outro fato marcante de sua vida foi a guerra. Para ele, todo o conforto e estabilidade que seus pais lhe ofereceram acabaram nessa época. Ele sabia que a guerra significara uma mudança no mundo e nele. E ao ser questionado sobre a derrota na guerra, Elias (2001) diz que se recorda que, ao mesmo tempo em que o sentimento era de derrota, era também de alívio pela partida do Imperador e que mais importante do que a derrota, era o nascimento de uma nova Alemanha.

Depois de sua experiência de guerra e de trabalho na fábrica, foi natural que quisesse aprofundar seus estudos com aquilo que está mais próximo à realidade. Para Elias (2001, p. 46), é preciso erguer o véu que oculta os conceitos. Ele acreditava, de fato, que a formação eclética é benéfica para um sociólogo e que nada se faz isolado. Interessava-se por poesia, pintura, literatura antiga, língua e literatura francesa e se considerava apolítico, embora simpatizasse com o partido da esquerda. Afirmava que sua família era alheia a tudo que fosse militar e que nunca foram patriotas. Goethe, Schiller e Kant são seus grandes pensadores.

Conforme Pontes (2001):

Seus livros, ao mesmo tempo em que circunscrevem objetos precisos de estudo, deixam aberto, para novas investigações, um leque instigante de problemas e temas. Extrapolando a agenda intelectual da sociologia, as questões analisadas por Elias vêm sendo discutidas e retrabalhadas pelos psicanalistas interessados nas conexões da cultura com o inconsciente, pelos antropólogos que estudam as dimensões simbólicas das sociedades ocidentais, pelos historiadores atentos às engrenagens do cotidiano e, principalmente, pelos pesquisadores que se dedicam às histórias das ideias e à sociologia da vida intelectual (PONTES, 2001, p.19-20).

Vigotski também se interessava e guiava seu trabalho sob uma perspectiva multidisciplinar. Sua formação primeira fora em Direito, depois, interessado em compreender o funcionamento psicológico do homem, frequentou cursos de Medicina, além de Filosofia e História. Tinha encantamento por psicologia, música, literatura e teatro. Tanto sua formação quanto sua experiência profissional fora bastante diversificada (OLIVEIRA, 2009).

Vigotski segue as correntes filosóficas de Spinoza, Hegel, Marx e Engels. Tem interesse pelo campo das deficiências e contrapõe-se à visão naturalista, mecanicista e idealista. Embora tenha falecido muito cedo, deixa uma vasta produção escrita.

Vigotski nos propõe o estudo da consciência como algo vital. Para ele, a consciência é constituída nas relações sociais. Ele se preocupava com a implementação de uma nova psicologia que considerava a integração do homem – corpo, mente, ser biológico,

social e histórico; assumindo, assim, uma perspectiva histórico-cultural. Ele acredita que o desenvolvimento se dá pelo materialismo dialético, ou seja, ao mesmo tempo em que eu transformo, sou transformado. Tal relação dialética assume a forma de espiral, fazendo com que a transformação mútua impossibilite ao sujeito permanecer onde está, afinal tudo está em constante transformação. Por isso, a crença de que nada está fixo e imutável e estamos em constante movimento espiral.

Segundo Silva (2007, p.2), “Um aspecto de aproximação entre os trabalhos de Vigotski e de Elias diz respeito ao tratamento que dão à condição humana como sendo resultado da ação do próprio homem. Tanto Elias quanto Vigotski minimizam a ideia de condições inatas de comportamento ou abortam qualquer explicação do tipo metafísico para os aspectos humanos”.

Os autores se contrapõem às teses inatistas que, em síntese, admitem que as características básicas do homem estão “prontas” no nascimento; e se aproximam mais de uma concepção interacionista que reconhece a participação dos fatores hereditários e ambientais na determinação das características do ser humano.

Ambos os autores não acreditam numa personalidade fixa e imutável, acreditam na transformação e na mutabilidade humana. Além disso, acreditam que o processo de constituição do ser humano e do social, vão sendo transformados dialeticamente. Tanto para Elias, quanto para Vigotski, é nesta relação entre pessoal e social (para Vigotski) e entre indivíduo e sociedade (para Elias), que se dá a riqueza da transformação, de experiências criativas, num processo singular e coletivo ao mesmo tempo.

Conforme Barbosa e Padilha, Elias e Vigotski deixaram uma vasta contribuição para aqueles que pretendem ampliar o

conhecimento acerca da sociedade do ponto de vista sócio-antropológico, da sociedade em geral e, em particular, para aqueles que buscam a compreensão da posição dos indivíduos na sociedade e nas relações de poder. “Por quem quer compreender o homem em suas relações concretas de vida social, no tempo e no espaço, portanto na história da humanidade” (2005, p.03).

Elias (1994) parte de uma análise histórica, com o viés da interdisciplinaridade, para compreender noções de indivíduo e sociedade como processos interdependentes. Para ele, “[...] a rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexu do que aqui é chamado configuração⁴, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes” (ELIAS, 1994a, p.249).

Vigotski também procurava compreender o desenvolvimento humano a partir de seu processo histórico. Para isso, utiliza-se do materialismo histórico dialético, como método de investigação e observação. Para ele, as funções psíquicas são consideradas de natureza social e cultural, partindo da socialização para a individualização. Elias falava de uma dialética processual, já que o indivíduo está sempre exposto à influência e intervenção modeladora do social.

Enquanto Vigotski (*apud* Barbosa e Padilha, 2005, p.03) considera a personalidade um conjunto de relações sociais entre as pessoas como membros de um grupo social definido e cria-se no coletivo, Elias fala sobre as longas cadeias de atos, invisíveis, que

⁴ Conforme Waizbort (2001), o conceito de configuração (ou figuração) fora utilizado por Simmel, antes de Elias, para designar a capacidade do ser humano de “construir pontes e portas”, de estabelecer ligações e de aprender a relativizar o olhar, caso se permita “girar” o seu objeto.

implicam e agem diretamente no *outro*, e depois em um outro *outro*; e assim por diante.

3.2. Desencontros

Segundo Silva (2007, p.2), “Um dentre os vários aspectos de discordância entre o pensamento de Vigotski em relação ao de Elias está no entendimento sobre como se dá o processo de constituição da atividade psíquica humana a partir da relação entre indivíduo e meio social”. Para Vigotski, o homem se relaciona com o meio a partir de sua atividade social humana, numa visão marxista, através do processo de internalização da cultura. Dessa forma, ele deixa o plano natural e se insere no cultural, por meio da atividade que exerce sobre o meio ambiente, para dele extrair suas necessidades. Já Elias, afirma que o homem, através do processo civilizador, citado acima, vai se constituindo a partir da interiorização individual das proibições impostas pelo externo, que só pode ser compreendida quando analisada dentro de uma grande faixa do tempo histórico (SILVA, 2007).

Para Elias (1994), não há diferenciação entre o processo de socialização e o processo de individualização. Para ele, a individualidade é a própria estrutura da autorregulação psíquica do ser, ou seja, do controle dos instintos, da modelagem de se adequar às forças sociais. Portanto, ele afirma que é necessário primeiro observar as relações de interdependência, para depois, compreender a singularidade humana.

Para Vigotski, o processo de individualização é resultado da internalização das relações sociais. Por isso que ele afirma que o desenvolvimento passa de um processo interpessoal, para depois

assumir um caráter mais intrapessoal. Ele reconstrói no plano individual, aquilo que fora vivido no plano coletivo.

4. Referência Bibliográfica

BRAGA, Elizabeth. A constituição social do desenvolvimento – Lev Vygotsky: Principais teses. Coleção História da Pedagogia. n. 2, Lev

Vygotsky. Publicação especial da Revista Educação. Editora Segmento, p. 20-29, 2010.

BRAGA, Elizabeth. ABREU, Enid. Uma reflexão acerca da noção de identidade sob o ponto de vista de Elias e Bourdieu. IN: BASTOS, Liliana; LOPES, Luiz Paulo (orgs.). Estudos de identidade em saberes e práticas. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

ELIAS, N. O processo civilizador: formação do estado e civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. O processo civilizador: uma história dos costumes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. A solidão dos Moribundos. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Norbert Elias por ele mesmo. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. Ver. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, Dec, 2008.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1994.

GOES, Maria Cecília Rafael de. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. Educ. Soc., Campinas, v. 21, n.71, jul.2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky – Aprendizado e desenvolvimento Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1998.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (Org.). Educação infantil: fundamentos e métodos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PADILHA, A. L; BARBOSA, M. F.S. Contribuições de Norbert Elias e Lev Semionovich Vigotski para pensar a exclusão social. In: IX Simpósio Internacional Processo Civilizador., 2005, Paraná.

Disponível em:
http://www.pg.utfpr.edu.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/mesa_redonda/art2.pdf> Acesso em: 10 fev. 2013.

REGO, Cristina. Educação, cultura e desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as diferenças individuais. IN: AQUINO, Julio Groppa. Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

_____. *Vigotski: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Albert S. R. P. da. Norbert Elias e Lev Vigotski: aproximação e distanciamento. X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas. 2007.

Sigardo, A. P. O conceito de mediação semiótica em Vigotski e seu papel na explicação do psiquismo humano. Caderno Cedes. Ano XX. n. 24, p. 38-51. Jul. 2000.

SILVA, Edna. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. Cadernos CEDES. n. 50, 2000, p. 26-40.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

_____. Manuscrito de 1929. Educação e Sociedade. Revista Quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), Campinas, CEDES, n. 71, p. 21-44, 2000.

_____. Fatores biológico e social do comportamento. In: Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WAIZBORT, L.(org.). Dossiê Norbert Elias. 2 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2001.

WERTSCH, J. V. Apresentação. In VYGOTSKY, L. S. e LURIA, A. R. Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade. São Paulo: Imago, 1971.

ZIMMERMANN, T. R. Apontamentos sobre civilização e violência em Norbert Elias. Revista História em Reflexão. Vol. 2 n. 2008. Mato Grosso do Sul. Disponível em: www.periodicos.ufgd.edu.br/.../historiaemreflexao> Acesso em: 23 mar. 2013